

***HOMENS,  
DOCTRINAS  
E LEIS!***

---

Por Augusto Carvalho

**Homens, Doutrinas e Leis**



## *DEDICATÓRIA*

---

À minha mãe Irene de Carvalho, cujo nome é paz e amor,

Ao meu pai, Manoel Azevedo que sempre foi um fiel poeta e trabalhador nos jardins da vida...

Aos meus irmãos e irmãs lutando pela vida, buscando compreende-la e buscando amá-la!

Aos meus filhos:

Com Dulce Pinheiro: Luciana Cristina, Ricardo José e Augusto Cesar;

Com Edna Cleide: Ana Paula, Amil Rodrigo e Renier Augusto, aos quais trouxemos à esta vida, sob as bênçãos de Deus.

E aos meus mestres encarnados ou desencarnados, nesta vida material ou em Espírito e Verdade!

Com as bênçãos de Deus!



## SUMÁRIO

<b>A MINHA PRECE</b> _____	<b>7</b>
<b>PREFÁCIO</b> _____	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> _____	<b>13</b>
<b>PARTE I</b> _____	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO I</b> Diversidade _____	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO II</b> Cristianização _____	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO III</b> Evolução _____	<b>69</b>
<b>CAPÍTULO IV</b> Reencarnação ou Renascimento?__	<b>83</b>
<b>CAPÍTULO V</b> O Espírito de Verdade _____	<b>105</b>
<b>PARTE II</b> _____	<b>141</b>
<b>CAPÍTULO VI</b> A Compreensão do Dogma _____	<b>143</b>
<b>CAPÍTULO VII</b> À Luz do Evangelho _____	<b>181</b>
<b>CAPÍTULO VIII</b> As Doutrinas _____	<b>203</b>
<b>CAPÍTULO IX</b> Um pouco de História Bíblica _____	<b>217</b>
<b>CAPÍTULO X</b> Uma “Sessão” Espírita? Na Bíblia? _____	<b>249</b>
<b>PARTE III</b> _____	<b>297</b>
<b>CAPÍTULO XI</b> Apologia entre a Ciência e a Dor _	<b>299</b>
<b>CAPÍTULO XII</b> O trauma do AVC-H _____	<b>315</b>
<b>CAPÍTULO XIII</b> Epílogo Conclusivo _____	<b>337</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> _____	<b>351</b>



# *A MINHA PRECE*

---

As Religiões,

tantas e – erro imperdoável – todas lutando entre si, exclusivistas na posse da Verdade e isso em nome do próprio Deus, aplicam-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divide.

A GRANDE SÍNTESE

Pietro Ubaldi

**Homens, Doutrinas e Leis**

**Homens, Doutrinas e Leis**

---

## PREFÁCIO

---

Muitas vezes me vi sentado, à beira do caminho, após um longo passeio, sentindo a brisa correr por sobre a minha face, suada, após a estafante caminhada, refletindo sobre a vida que tive, na qual tenho, os momentos alegres, ou os momentos tristes, que mais marcaram o meu viver e melhor caracterizaram a minha personalidade, tornando-me um ser que busca a verdade sobre as coisas da própria vida, mas que, muitas vezes, incorreu-nos próprios erros da injustiça, da incompreensão, do desamor, que eu próprio fazia nascer e reviver, em mim mesmo.

Nestas ultimas condições sempre me acostumei a considerar que eu era humano; não era santo, mas que invejava os que santificaram a humanidade e a fizeram crescer em ciência e em moral, em amor e em sabedoria; tornei-me, pois, um adepto dos que semeavam a paz, em lugar da guerra; dos que semeavam o amor, em vez do ódio; a concórdia, ao contrario do engano.

E percebi que eram muitos que compartilhavam das mesmas ideias e sentimentos que eu possuía, embora não tivessem as mesmas ideias, exatamente tais quais eu as tinha; mas haviam aspectos em que, embora houvesse discordância, os pontos de concórdia começavam a surgir;

e assim íamos construindo nossas ideias e alicerçando nossos pensamentos de maneira que não nos sentíamos tão só ao contrario da solidão, que parece ser o mal do século: a nossa preocupação era com a diversidade.

A própria palavra, havendo surgido pelos idos do século XVIII, sugere maior compreensão da própria realidade do nosso mundo existencial - **DIVERSIDADE**- que, desde o advento da imprensa e outros fatos marcantes da evolução humana deu ao ser pensante o lugar que realmente merece no concerto universal; imaginar os eventos que se sucederam após os feitos memoráveis, descortinar a epopeia humana após o advento do Cristianismo, 2.000 anos anteriormente, é para nos tornarmos estupefatos ante a existência da nossa espécie.

Sim, podemos estar admirados ante o avanço científico e tecnológico que se sucederam nos últimos séculos, apesar das guerras que se tornaram comuns; parece-nos que estas ainda têm significado de que o homem não compreende a realidade da coexistência pacífica que coexiste, embora num contexto adverso, comunicando-se através de cerca de duzentas e vinte línguas estranhas entre si, nos mais estranhos dialetos, com os mais diferentes costumes, os quais, no entanto, o faz sempre continuar indo á frente, crendo no porvir, mesmo no meio das guerras, da batalha.

E desta forma a humanidade escreve a sua própria historia num cenário de rara beleza, onde matizes de multicolor anunciam que o crepúsculo está prestes a chegar, afastando a noite fria que já passa, dando lugar a um

sol radiante e quente que, pouco a pouco, silencia os pássaros teimosos, com seus trinados, como que a dizer-nos o quanto é sábia a natureza-mãe, e não madrasta, que de cuidados assim nos cerca, nos ama, compreende, perdoa e faz viver, apesar das agressões contínuas que lhe fazemos.

E esta é a razão das nossas vozes; as quais fazemos ecoar por vales e campinas verdejantes, por florestas, cujas árvores guardam em suas frondes o silêncio, que prenuncia maiores verdades; porque, ao contrário do que se pensa, estas não sobre-existem apregoadas sobre os telhados, nas esquinas das ruas e avenidas ou nos grandes parques e jardins, mas permanecem ocultas ao olhar curioso, enquanto este olhar não vislumbra a presença de uma filigrana do poder divino, do poder da criação, pelo mais que se possa dizer.

Se quisermos saber sobre a verdade é necessário que nos despojemos de todos os sentimentos que nos nivelam com as víboras; sermos puros de corpo e alma. Isto envolve um pensamento santificado, digno apenas dos seres que já não estão envolvidos com as relações inerentes à matéria, e nossa humanidade, que teve um grande exemplo e modelo deste ser, nascido na Galiléia, em Belém, tendo modificado todo o sistema da cronometragem do mundo; referimo-nos a Jesus de Nazaré; o único ser capaz de dizer sobre si mesmo: **“ Eu sou o caminho, a verdade e a vida, e ninguém chegará ao Pai a não ser por mim!”**.

Esta é a razão de estarmos unidos, em pensamentos e atos, procurando a melhor forma de interagirmos, de modo que o tempo que mantivermos unidos seja o mais profícuo possível; e que nesse aprendizado comum possamos ter nossas mentes unidas, coesas, sentindo que não estamos sós; conosco pulsam milhares de corações que anseiam por ter junto a si o meigo, o puro, Rabi da Galiléia, Jesus de Nazaré!

Por isso, é importante que o entendimento seja claro; que não haja dúvidas com relação ao objeto do nosso estudo, porque é assim que devemos encará-lo; é um estudo sobre um fato real e verdadeiro.

Um fato que não é somente “um fato” comum, corriqueiro, mas que reputamos como histórico. Científico, na medida em que buscamos analisá-lo, estudá-lo, na profundidade que o mesmo merece; sem maiores interesses preferenciais; como um objeto de estudo, de análise; na verdade é o fato de uma vida, da minha vida. Não que tenha grande importância por ser da “minha vida”, porque assim como aconteceu, comigo, tem acontecido com alguns milhares de pessoas, de diferentes nacionalidades, por todo este mundo. Mas, o que acontece, é que nem todos têm, ou tiveram as condições que eu tive, para poder pensar; elaborar, mentalizar e repetir para mim mesmo: faça-o! –você é capaz; você nunca esteve só; Jesus o ama!

E assim eu decidi iniciar este trabalho, contando com as forças do meigo Rabi da Galiléia, que são infinitas e estão sempre presentes na mente de todo **Ser Pensante**.

## INTRODUÇÃO

---

**E**ste não é um livro religioso muito embora, a primeira vista, possa sugerir o conteúdo de fundo totalmente religioso; também, eu não poderia pensar que um Ser Pensante pudesse ser totalmente leigo, a ponto de não entendê-lo, pelo que sempre procurarei ser o mais simples possível, e usar a linguagem comum, usual, como sempre costumei usar como professor de cursos secundários, ou mesmo no 3º grau, em escolas desta nossa terra, ou em palestras e seminários por nós realizados, na área da educação.

Por outro lado, embora não seja um livro religioso, isto não significa que sejamos “anti-religiosos”, ou favoráveis ao movimento “ateísta”, que em verdade é um movimento dos que ainda não tem condições morais, nem psicológicas e espirituais, que possam justificar a sua vida em comum, neste mundo terrestre, mas penitenciamos-nos na falta, porque Deus sabe das potencialidades do Ser Pensante nesta humanidade.

A palavra “Religião” deriva da união do “re” + “ligar”, o que significa reunir sistemas que anteriormente se encontravam separados e que, por algum motivo de natureza metafísica, se encontraram em condições de se reajustarem; no entanto, também podemos supor que, se

não tivessem este alfabeto teríamos outra forma de proceder ao processo da comunicação falada e, posteriormente, a escrita, com o contínuo desenvolvimento do Ser Pensante.

A religião é uma consequência do nosso estado atual de desenvolvimento, sempre será uma necessidade, enquanto não compreendermos toda a verdade dos ensinamentos do Cristo; e enquanto não fizermos da própria verdade, não uma utopia, mas uma filosofia de vida! Nessas condições, já não teremos necessidade de religião, não precisaremos religar o que já está ligado, criar o que já foi criado. Mas devemos procurar o máximo cuidado com o uso do nosso pensar, porque somos tudo aquilo que pensamos e, ao pensarmos, recriamos, em espírito, mentalmente.

*“Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a comunhão de pensamentos; é que, com efeito, a palavra religião quer dizer laço. Uma religião, em sua acepção nata e verdadeira é um laço que religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças. Consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé.”*

*(...) “O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mutuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.”*

*(Revista Espírita Sessão Anual- 1º de Novembro de 1868 - Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas- Allan Kardec)*

Mas, a religião, existente entre todos os povos não materialistas, impõe a assertiva própria sobre um conceito extremamente abstrato que lhe limita a compreensão, que é o conceito de Fé, que nos confirma os pensamentos abaixo:

“Á fé é preciso uma base, e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer; para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender.

A fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que faz hoje o maior

número de incrédulos, porque quer se impor e exige a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.

É essa fé contra a qual sobretudo se obstina o incrédulo, e da qual é verdadeiro dizer que não se prescreve; não admitindo provas, ela deixa no espírito um vago de onde nasce a dúvida.

*A fé raciocinada, a que se apoia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque se está certo, e não se está certo senão quando se compreendeu; eis porque ela não se dobra; porque:*

*“Não há fé inabalável, senão aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade.”*

*Kardec, Allan – O Evangelho Segundo o Espiritismo*

*(Cap. XIX, pág. 187)*

Hoje, ao escrever o que penso sobre o fenômeno da vida, julgo, como o filósofo Sócrates, a 399 anos antes de Cristo que “... **O que sei, é quanto mais sei, mais sei que nada sei**”, isto para que estejamos conscientes de que a sabedoria é humilde, como nos ensinou o carpinteiro de Nazaré, “... **Olhai os lírios do campo, que não tecem, não fiam, e nem mesmo Salomão, com toda sua**

**sabedoria, se vestiu jamais, como qualquer um deles!”.**

Se você, leitor amigo, ou você, amiga leitora, estiver cansado (a) ou desanimado (a) (quem sabe, pelo uso dos termos, citações, pensamentos filosóficos, ou mesmo da sabedoria popular), vá tomar um “cafezinho”, ou peça a quem estiver mais próximo de você, para preparar uma limonada, e se refaça das energias despendidas, pois eu lhe prometo que, ao final desta leitura, você estará surpreso (a) com as novidades que lhe traremos: novidades relativas ao Ser Pensante que somos, e seremos, por todo o sempre, neste maravilhoso eterno presente multidimensional, Planeta Terra.

Isto porque “a pressa é inimiga da perfeição”, diz um adágio da sabedoria popular, ao qual nos referimos no parágrafo anterior; e verdadeiramente nós, seres pensantes, conscientemente não devemos agir com nenhuma pressa, pois que, fazendo-o, corremos o risco da “imperfeição”, e eu lhe chamo à atenção que já adentramos no século 21, o século 20 já é passado (de acordo com a cronologia Judaica e Oriental há várias controvérsias, das quais resulta que a maioria dos povos representados pela ONU - Organização das Nações Unidas admite e respeita que o período anterior ao advento do Cristianismo é considerado pré-história); porque só a natureza é perfeita; em tudo nós podemos ver e sentir a perfeição.

Na flor que desabrocha sob os primeiros raios do sol, numa manhã primaveril; no vale cujo verde, ora claro ora mais escuro, desperta o artista para a conclusão da sua

obra, ou no sorriso de uma criança, que brinca na calçada, em tudo que nos faz evocar a fenomenologia da vida, nós podemos estar presentes, viver, ver e sentir a perfeição.

Mas, o que mais nos deve impressionar, entre infindáveis fenômenos que ocorrem nas relações entre o mundo da matéria, do qual fazemos parte, como agentes de causas e efeitos dos fenômenos da vida, são as conquistas evolucionistas, provocadas pela inteligência, característica maior que faz do Ser Pensante o ápice do poder da criação, por Deus! Conhecido por todos os povos, em todas as línguas, em qualquer idioma de qualquer raça, credo ou costume, - Deus! Por, sobretudo e sobre todos; ao qual o ser humano presta o seu maior respeito e o fará por todo o sempre, por toda a eternidade.

Porque a humanidade sempre será criança, como diz o filósofo, e a vida será uma eterna infância; e por “tabela”, no dizer de José Ingenieros, sociólogo e pensador de naturalidade Argentina, a juventude é o fermento moral dos povos, razões pelas quais cabe ao homo sapiens caminhar sempre avante, a frente, com destemor, fazendo justiça à sua condição do Ser Pensante, ápice da Criação Divina, sem dúvidas, confiante e que a solução dos problemas (porque estes não hão de faltar, e ocorrerão os julgados os mais graves) virá sempre, cada um ao seu tempo, à sua vez, à sua hora, ou imagina você, leitora ou leitor amigo, que teríamos a coragem de desrespeitar o seu tempo de leitura para tentar motivá-la (o) a ler um compêndio de “receitas”?

Não! Acreditamos que a inteligência com que o Homo Sapiens foi dotado e que o faz sentir-se no ápice da criação, sugere algo muito mais sólido que apenas um “livro de receitas” morais, comportamentais, de cunho filosófico; de como se comportar frente a natureza dos problemas; porque estes, repetirei, sempre, enquanto houver vida no planeta, existirão; porque á medida que lhes propomos soluções e não as consideramos viáveis, solucionando ele está! Problemas não hão de faltar!

Não devemos tornar a vida um grande problema, pois que a mesma é a grande solução com que o poder de criação nos brindou, a nós, (dizíamos, no passado, simples mortais!) seres pensantes, filhos do Altíssimo.